

Organização de Proprietários Rurais por Meio da Cadeia Produtiva da Palmeira Juçara (*Euterpe Edulis*) como Alternativa de Renda e Conservação da Mata Atlântica

COUTINHO, Juliana. Cooperativa Pios da Mata, juliana_coutinho@yahoo.com.br; DIAS, Guilherme. Instituto Ecofuturo, gdias@ecofuturo.org.br; SOUZA, Saulo. Cooperativa Pios da Mata, saulosouza8@hotmail.com

Resumo

Este trabalho se inicia no Parque das Neblinas – Instituto Ecofuturo, Posto Avançado da Reserva da Biosfera, em parceria com a Cooperativa Pios da Mata, no distrito de Taiaçupeba, área de manancial do Alto Tietê, entorno do Parque Estadual Serra do Mar, núcleo Itutinga - Pilões. Vislumbrou-se a formação de uma rede de proprietários rurais particulares do entorno para a construção conjunta de um programa de manejo sustentável da juçara que se fundamenta na produção de polpa alimentar, sementes e mudas para regeneração de áreas degradadas. A organização dos proprietários rurais e difusão de práticas de manejo sustentável vêm a ser uma estratégia de conscientização das comunidades e uma alternativa de geração de renda que contribui com o repovoamento da palmeira Juçara. Plantio de mudas em áreas com praticas agroflorestais e a valorização da floresta em pé atua como estratégia para conservação do bioma Mata Atlântica.

Palavras-chave: Organização comunitária, Manejo, Sustentabilidade.

Contexto

A experiência deu-se como uma continuidade do trabalho de reintrodução da palmeira Juçara nas áreas de uso sustentável do Parque das Neblinas, reserva privada gerida pelo Instituto Ecofuturo, no alto da serra de Bertioga, zona de amortecimento e sobreposição do Parque Estadual Serra do Mar, núcleo Itutinga - Pilões.

Tem por objetivo a construção conjunta com proprietários rurais de um Programa de Manejo da Palmeira Juçara, com foco na produção de sementes e polpa alimentar, reintroduzindo populações da espécie em propriedades particulares como estratégia de conservação dos remanescentes de Mata Atlântica na área de manancial do Alto Tietê.

Através de metodologias participativas busca voltar o olhar dos atores comunitários para outra relação com a floresta, dando aos remanescentes florestais um caráter não só conservacionista, mas também econômico, associados à recuperação do bioma Mata Atlântica.

Descrição da experiência

A base deste trabalho se inicia no Parque das Neblinas, Posto Avançado da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, em parceria com a Cooperativa Pios da Mata.

O Parque das Neblinas (PN), com cerca de 2.800 ha, é contíguo ao núcleo Itutinga-Pilões do Parque Estadual Serra do Mar. Esta inserido no Domínio Florestal Atlântico, com uma vegetação correspondente as florestas ombrófilas Baixo Montana, Montana e Alto-Montana.

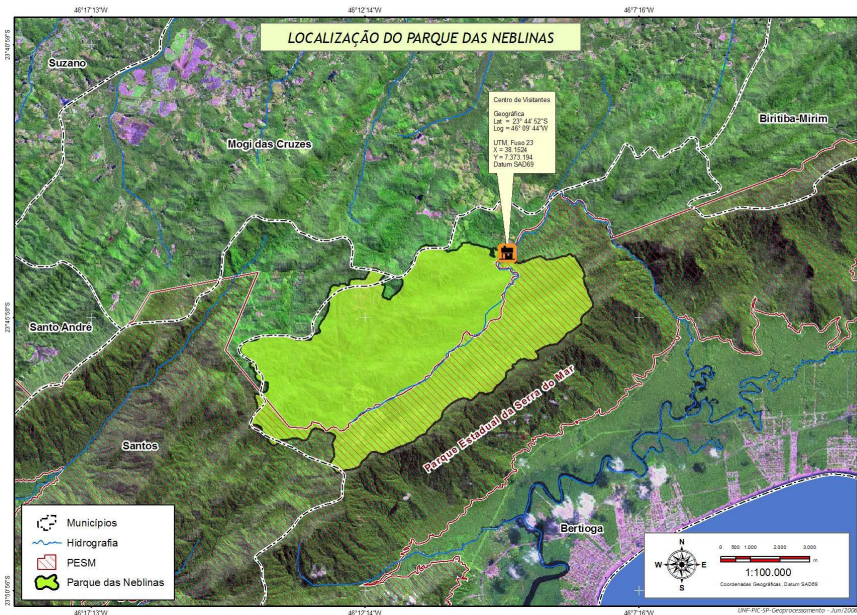


FIGURA 1. Localização do Parque das Neblinas

Fonte: Arquivo Ecofuturo

Em 2003, se inicia o enriquecimento anual de parte da área do Parque das Neblinas com sementes da palmeira Juçara. Esta espécie sofre uma expressiva redução de suas populações e esta inserida na lista oficial de espécies ameaçadas de extinção (IBAMA, 2008).

Atualmente o palmito, também conhecido como ençarova, juçara, içara, ripa, entre outras denominações populares, é o mais importante produto não madeireiro extraído da Mata Atlântica, apresentando grande potencial de uso sustentado. A importância está relacionada às questões sociais, econômicas e ao papel ecológico da espécie na floresta. A facilidade de extração e comercialização está entre os principais responsáveis pelo processo predatório, impossibilitando a regeneração natural da espécie (REIS et al., 2002).

Em 2007, para melhorar o poder de germinação das sementes plantadas, foi realizado um levantamento das propriedades particulares do entorno do Parque das Neblinas com remanescentes de Mata Atlântica que continham exemplares adultos da palmeira Juçara.

A primeira relação com estes proprietários se deu com a coleta de sementes da palmeira em suas propriedades para o enriquecimento das áreas do Parque das Neblinas.

Em 2008, com o objetivo de ampliar a relação com os proprietários, organizou-se um grupo de trabalho para o desenvolvimento de estratégias que consolidassem o envolvimento comunitário por meio de encontros periódicos – as Oficinas de Manejo – e da construção conjunta de um projeto de manejo e conservação. Neste sentido, os proprietários listados no primeiro levantamento foram abordados por uma conversa informal que buscou apresentar de forma mais completa o projeto e convidá-los a participar da Oficina de Manejo da Palmeira Juçara no Parque das Neblinas.

No início das atividades, as oficinas foram organizadas com o objetivo de nivelar o conhecimento dos proprietários participantes em relação à Mata Atlântica e a Palmeira Juçara. Após este processo, iniciou-se a construção coletiva do programa de manejo.

A 1ª Oficina, realizada em 12 de julho de 2008, abordou como tema central a Palmeira Juçara, seus diferentes usos, sua importância e inter-relação com a Mata Atlântica, contando, dentre outras, com a contribuição da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo, e de pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Estabeleceu-se em consenso a periodicidade para realização das oficinas e o revezamento da propriedade sede da oficina que possibilitaria a troca de experiência e olhares do proprietário com o grupo de produtores rurais e técnicos envolvidos.

A 2ª Oficina, realizada em 13 de setembro de 2008, teve como foco a coleta e o beneficiamento da polpa dos frutos da Palmeira Juçara, contando com participação do IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica e de pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

A 3ª Oficina, realizada em 22 de novembro de 2008, abordou temas relacionados ao plantio de sementes, sementeiras e viveiros de mudas. Iniciou-se a construção coletiva do programa de manejo, onde os participantes desenharam um fluxograma do trabalho, apontando a necessidade de organização dos proprietários rurais envolvidos.

A 4ª Oficina, realizada em 31 de janeiro de 2009, apresentou os resultados do trabalho e da safra em 2008, dando continuidade a construção coletiva do programa de manejo. Iniciaram-se as discussões sobre a importância da construção de um centro de beneficiamento comunitário na região. Contou com participação do IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica, de pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e a Secretaria do Verde e Meio Ambiente de Mogi das Cruzes.

A 5ª Oficina, realizada em 7 de Março de 2009, teve como foco o licenciamento e plano de manejo, promovendo uma mesa redonda de discussão e troca de experiências com a participação Instituto Florestal – SMA, IPEMA – Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e Akarui - Associação para Cultura, Meio Ambiente e Cidadania. O SEBRAE iniciou um trabalho de apoio a formalização dos proprietários envolvidos e a oficina contou ainda com a presença da Secretaria do Verde e Meio Ambiente de Mogi das Cruzes e o administrador local.

A 6ª Oficina, realizada no dia 17 de Maio de 2009, contou com a presença da Polícia Ambiental, que através de um bate-papo explanou sua atuação e meios de um trabalho em conjunto com os proprietários. Iniciou-se a organização coletiva da Safra 2009. Estiveram presentes pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, a Secretaria do Verde e Meio Ambiente de Mogi das Cruzes e SEBRAE.

A 7ª Oficina esta marcada para o dia 18 de Julho e iniciará a organização do Plano de Manejo coletivo dos proprietários envolvidos no programa.

Resultados

A inserção de proprietários rurais em ações de educação promove a mudança de paradigmas sobre o significado dos recursos florestais e suas formas de exploração. O conhecimento disponibilizado apresenta opções adicionais de obtenção de renda nas propriedades sem a degradação da floresta (REIS et al., 2002).

O levantamento realizado em 2007 para identificação dos remanescentes de Mata Atlântica resultou em 27 propriedades nos bairros próximos ao Parque das Neblinas: Vargem Grande,

Resumos do VI CBA e II CLAA

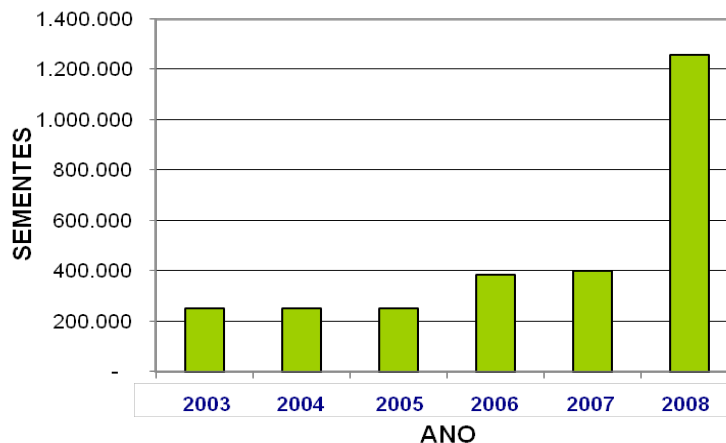
Barroso, Bairro dos Pintos, Centro (Capela), Quatinga, São Sebastião, Rio Grande e Pousada. Destas, 17 propriedades apresentaram interesse em se envolver no manejo da palmeira Juçara.

Em 2008, após visita individual em cada propriedade para a explanação do projeto e convite para participação da 1ª Oficina, o número de propriedades subiu para 35 e o índice de aceitação do projeto saltou dos 60% para 97%, ou seja, apenas um proprietário não apresentou interesse em participar do projeto. Atualmente são 49 propriedades envolvidas.

Outro resultado relevante destas conversas foi à inserção de lideranças locais que, mesmo não possuindo representativos remanescentes florestais, tinham ligação com o tema e representatividade junto à comunidade, atuando como multiplicadores do processo.

A ampliação do programa e das parcerias, somada ao engajamento da equipe e dos participantes refletiu diretamente nos trabalhos de plantio no campo, apresentando um significativo aumento em 2008, conforme tabela abaixo.

TABELA 1. Plantio de sementes da palmeira Juçara (*Euterpe edulis*) nas áreas de uso sustentável do Parque das Neblinas



Fonte: Arquivo Ecofuturo

Os depoimentos extraídos das Oficinas: “A oficina foi muito boa, se eu soubesse antes não cortava mais os palmitos...”, “...agora meu irmão não vai mais poder cortar palmito”, “Este fim de semana já plantei 200 mudas no meu sítio.” - proprietários, “...foi a oportunidade para eu mudar a minha vida...” – ex-palmiteiro, retratam o envolvimento e motivação dos envolvidos no programa.

Referências

REIS, M. S. et al. Aspectos do manejo de recursos da Mata Atlântica no contexto ecológico, fundiário e legal. In: SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. (Eds.). *Sustentável Mata Atlântica: A exploração de seus recursos florestais*. São Paulo: Senac, 2002. p. 159-171.

REIS, M. S. et al. O palmiteiro (*Euterpes edulis* Martius) como recurso da Mata Atlântica. In: SIMÕES, L. L.; LINO, C. F. (Eds.). *Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais*. São Paulo: Senac, 2002. p. 103-118.